



Revista Brasileiros: traçados e configurações de uma narrativa jornalística¹

Mariana DIAS²

Letícia SANTOS³

Pollyana FARIA⁴

Rejane MOREIRA⁵

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A revista Brasileiros nos apresenta, em poucos anos de existência, certa maneira de narrar que nos permite esboçar algumas considerações sobre rupturas e distensões com o relato jornalístico. O ato de narrar deriva de formas de recontar e criar sentidos com as histórias, sendo assim, o texto narrativo é aquele no qual se relata uma história. No presente artigo pretendemos apresentar, de forma ainda rudimentar, trajetórias, configurações e a existência, na revista Brasileiros, de modos singulares de operacionalizar a linguagem jornalística. Aspiramos, ainda, detectar na revista atividades narrativas que buscam, além conduzir sentidos da história, deflagrar lógicas de construções dos acontecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de revista; narrativa; relato jornalístico

Percursos

No Segundo ano de existência do Núcleo de Estudos em Cultura Midiática (NECOM) nos detivemos em analisar as diferenças, semelhanças e ou rupturas da narrativa com o relato jornalístico. Nosso interesse inicial consistia em entender como se davam as marcas de construção de sentidos do discurso jornalístico. A partir de estudos que se distribuíam nas características propriamente da linguagem jornalística, bem como o texto, passando também pelos estudos da narrativa em campos distintos, como a filosofia e estudos da enunciação, seguimos nosso percurso. Neste sentido, autores como Paul RICOEUR, Todorov TZVZAN e Walter BENJAMIN foram fundamentais como elementos de base do processo.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social UFRRJ, email: mariidias@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social da UFRRJ, email: leteciasantos@live.com

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social da UFRRJ, email: polly_faria_lopes@hotmail.com

⁵ Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, vice-coordenadora do curso de Comunicação Social da UFRRJ, coordenadora do NECOM. email: rejanemmoreira@gmail.com



Nossa vontade era traçar as diferenças ou semelhanças entre o que se entende por narrativa e relato jornalístico. Ou seja, como ainda encontrar no relato jornalístico, dentro de suas limitações e características, formas de narrar. Tomamos como referência a ideia fundamental de que o texto narrativo é aquele que relata uma história e que esta história está invariavelmente ligada a uma experiência com o tempo. Portanto, a narrativa provoca releituras do mundo, reconstrói saberes e recria práticas sociais. Seria possível confrontar narrativa e relato jornalístico? Essa e outras perguntas nortearam nossa vontade de estudar autores diferenciados que pudessem de alguma forma contribuir e ilustrar nossas propostas analíticas e questões. Como então promover esse embate? Como demarcar um objeto de estudos plausível e rico o suficiente para nos fazer pensar essas questões? Encontramos, assim, a revista *Brasileiros*. Uma revista recente, de 2007, elaborada a partir de uma ideia simples: “**Brasileiros** revista mensal de reportagens, tem como foco o Brasil, seus grandes temas, seus grandes desafios e, principalmente, seus habitantes e suas histórias.”; ou seja, “narrar o país para os brasileiros”. Esta proposta editorial nos pareceu interessante para iniciar o trabalho de pesquisa. Claro que seria importante entender a funcionalidade de uma revista, que dentro do estressante mercado jornalístico funciona a partir de mecanismos muito singulares. Portanto, nossa tarefa consistia inicialmente num debruçar sobre a revista, a fim de que ela nos desse pistas de como fazer apurar nossos questionamentos.

Antes de tudo buscamos entender as características clássicas do texto jornalístico. Em geral a construção do texto segue recursos práticos como os observados em manuais. A maior parte dos manuais entende que o texto jornalístico deve ser construído a partir do *lead*, comumente escrito como *lide*. O lide é um modelo básico que se aplica ao texto jornalístico capacitando-o a ser o mais objetivo e informativo possível. Na realidade é um facilitador da construção do texto, já que as exigências do mercado impõem ritmos autoritários ao produtor do conteúdo. O manual específico do lide busca responder as perguntas: quem?, quando?, onde? e como?, a fim de que o texto mantenha uma aparência clara, já que as informações são dispostas na ordem decrescente de importância. É comum logo abaixo das explicações do lide vir a explicação escrita: “o jornalista não expressa opinião, nem usa adjetivos”

Bem, com esse modelo facilitador é possível construir textos rápidos e muitas vezes essa rapidez impõe também construções textuais dicotômicas, simulando o real de forma facilitadora. O conceito de imparcialidade ou texto neutro vem assim definir essa dicotomia, já que pretende retirar o jornalista da construção textual e propor uma leitura



dos acontecimentos a partir de “extremos aparentemente inconciliáveis” como nos explica a professora Ana Lúcia VAZ:

A simulação de imparcialidade reduz a realidade a dois extremos escolhidos de maneira arbitrária. Em geral seguindo o senso comum.⁶

Essa discussão do papel do lide na construção do texto jornalístico já é bastante ventilada, colocando os limites, as fronteiras e os contornos de um texto que, antes de tudo, pretende informar. Ainda segundo a professora Ana VAZ o texto jornalístico pretende ser “um pequeno recorte do caos” (pg.60). Isso, de modo geral é o esforço do campo jornalístico, que diante de múltiplos e conturbados acontecimentos tenta ordenar, compor, orquestrar as formas da realidade. O resultado não poderia ser outro, uma simplificação inevitável de um modelo eficiente que toma o jornalismo como produto. O ritmo conferido pela produção instaura macro e micro narrativas cotidianas que são acionadas em diversos e complexos modos de discursos. Mesmo numa fórmula autoritária de escritura, cheia de limites impostos, podemos encontrar brechas, escapes que desestabilizem os pré- julgamentos dos acontecimentos narrados?

Em seu artigo *O jornalismo e narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro*⁷ o professor Fernando RESENDE nos incita há alguns questionamentos fundamentais: é possível, a partir das construções textuais jornalísticas, redimensionar o que se entende por comunicação como encontro? É possível entender os novos e importantes espaços da narrativa como lugar de deslizamentos interpretativos?

Buscando responder a essas questões, RESENDE nos indica como “no âmbito do jornalismo, é um esforço de compreensão e (re) conhecimento dos abismos que o discurso instaura” (pg. 32); mas como pensar a narrativa é também nos trazer luz sobre os planos de interpretação desses discursos. Se o texto jornalístico apresenta certas clausuras de sentidos, ele também se produz de brechas e escapes. Ou seja, a partir das mídias e com elas há um insistente modo de narrar experiências, de conduzir as práticas do cotidiano. Muitas vezes, e de forma cada vez mais constante, as experiências sociais e culturais estão sendo conduzidas pelo que se lê e vê nos meios de comunicação. Neste

⁶ Cf. VAZ, A. *Jornalismo na Correnteza*, pg 52. No prelo.

⁷ Cf. RESENDE, Fernando. *O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro*. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.



sentido, os estudos das mídias devem se comprometer em apresentar as amarras desse processo, bem como suas criações, repercussões e compreensões.

No âmbito dos estudos das mídias é necessário compreender que as atuais narrativas são acionadas dentro desse complexo emaranhado de capturas e rupturas. Diversas e pequenas narrativas tornam-se intercessoras de modos de viver, sentir e pertencer. O jornalismo, com suas peculiaridades e fórmulas, faz acionar estilos de pensar que constituem experiências narrativas. Mas nossa questão persiste: como e onde encontrar as brechas do discurso jornalístico? De que forma, então, entender os limites do texto jornalístico? Por isso, nosso interesse, no presente artigo, é encontrar na revista *Brasileiros* escapes e brechas da escritura jornalística. A revista, a nosso ver, operacionaliza os sentidos do texto utilizando a linguagem jornalística de forma singular, pois trabalha com a reportagem⁸, um gênero específico da escritura jornalística.

Segundo Mitchell STEPHENS “realizar uma reportagem é aventurar-se em campo... é uma deferência diante dos fatos” (pg 511). Sendo assim, a reportagem, como um gênero jornalístico, se aproxima de uma *experiência etnográfica*, já que a função primeira do repórter é captar as diferenças, perceber o que o cerca e investigar acima de tudo. Construir uma reportagem é produzir um estudo crítico daquilo que se observa. No entanto, a reportagem não prescinde da objetividade e da informação. Ela apenas consegue multiplicar a polifonia dos acontecimentos.

Ao escolhermos a revista *Brasileiros*, como objeto de nossas inquietações teóricas, compreendíamos a importância de uma escritura jornalística que tivesse esse cunho epistêmico. O formato revista permite com mais intensidade especificar essa forma de narrar os acontecimentos.

Essas questões foram sendo delineadas, a partir do ano de 2010, em nosso grupo de estudos. Nosso grupo comporta alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que assim como curso, estão em formação na área de pesquisa. Por isso nos encontrávamos toda a semana com intuito de ler e trocar impressões sobre os textos selecionados. Esse método de estudos coletivo nos apontou para muitos autores, livros e textos que abaixo indicaremos como fundamentação do trabalho.

⁸ Não entraremos na discussão sobre as diferenças específicas desse gênero jornalístico. Mas podemos entender que reportagem é um tipo de escritura mais aprofunda que a notícia, que é mais objetiva e aponta para razões e efeitos. A reportagem trabalha com investigações, tece comentários, argumenta e levanta questões.



Confrontos entre relato jornalístico e narrativa

Iniciaremos nossa fundamentação pensando acerca de algumas temáticas que tangenciam os estudos da narrativa. O que é narrativa? - torna-se uma questão basilar. Tomamos como referências iniciais as propostas de Walter BENJAMIN ao pensar a narrativa como forma de aconselhamento, atrelada à ideia de narrativa como meio de representação coletiva, indicada em artigo do professor Fernando RESENDE.

Segundo Walter BENJAMIN, narrar é uma ação ligada necessariamente a *experiência*. Em seu contundente texto, *O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*⁹, o autor afirma que, descendente da tradição oral, da visão mítica do mundo, a narrativa tem na experiência sua matéria-prima. A figura do camponês sedentário, que conhece as histórias e tradições de seu povo e do marinheiro comerciante que viajou o mundo são tipos fundamentais de narradores anônimos. Para BENJAMIN, a compreensão desses dois tipos históricos constitui “a extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico”. Tal apreensão proporciona ao narrador certa distância temporal, o que o permite experimentar o mundo, seja diretamente ou por meio de terceiros. Aspecto importante do pensamento benjaminiano é a questão da distância com relação à fruição dos acontecimentos. A partir dessa temática podemos entender porque a arte de narrar, para o autor, está em extinção, já que vivemos constantemente uma “aproximação das massas com o que é observado”.

BENJAMIN acrescenta que a arte de narrar está ligada a certa dimensão utilitária do aconselhamento. O narrador sabe dar conselhos de forma a não responder perguntas, mas a dar sugestões sobre a continuidade de uma história contada. Sem respostas diretas, sem explicações, sem análises psicológicas. A narrativa apenas apresenta os fatos e as histórias, sendo tecida pelo conselho a partir da experiência vivida. Isso constitui a sabedoria, segundo o autor.

Esse talvez seja o ponto diferencial entre a narrativa e o relato jornalístico. O jornalista é o contador que descreve uma história buscando se ausentar das marcas discursivas. A experiência não é importante, ao contrário, é ignorada no texto. A ausência da primeira pessoa no texto é um indício. Indício de distanciamento, de isenção e neutralidade com relação aos acontecimentos. O jornalismo objetivo, da

⁹Cf. BENJAMIN, Walter. O narrador — considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221. 1985



“pirâmide invertida”, das notícias diretas e factuais produz significações desconexas e parciais dos acontecimentos. Esse aspecto impele o jornalista a creditar na objetividade o procedimento de transmitir a informação. No entanto, nossa ideia aqui é encontrar marcas narrativas que ainda persistem na escritura jornalística. Por isso, nossa aposta na revista *Brasileiros*, uma revista mensal, que trabalha com a reportagem. Como podemos perceber a reportagem permite ao jornalismo maior plano de ação discursiva. Pela reportagem é possível produzir mais detalhes, estabelecer ligação entre a matéria e o leitor, provocar a imaginação e indagar sobre a construção da narrativa.

Sendo assim, importantes questionamentos nos traz BENJAMIN: as características das formas de comunicação atual, o romance, a informação, entre outros, ainda carregam certa dimensão narrativa? Para BENJAMIN, as características das formas de comunicação atual, o romance, a informação, entre outros, não transportam a dimensão narrativa. O primeiro indicativo de um processo que culmina na morte da narrativa é o surgimento do romance.

Com ascendências muito antigas, o romance teria encontrado na burguesia os elementos favoráveis ao seu florescimento e sua difusão só teria sido possível com a invenção da imprensa. A relação com a burguesia vai além. A consolidação da mesma, e mais uma vez, da imprensa, destacou a *informação* como forma de comunicação. Para o autor, a informação é ainda mais ameaçadora do que o romance à narrativa. A informação causaria uma crise no próprio romance. BENJAMIN caracteriza a informação como limitada a acontecimentos próximos física e culturalmente, valorizada apenas quando nova, necessariamente plausível, no sentido de ser compreensível isoladamente e principalmente “explicativa”.

BENJAMIN discute questões de seu tempo, como a emergente e complexa sociedade industrial e as novas configurações espaciais e culturais de um mundo que se modifica velozmente. Neste sentido, seria importante contextualizar o estudo da narrativa a partir de um olhar contemporâneo. Hoje, os indivíduos são atravessados pelos meios de comunicação e também pelas narrativas ali presentes. Tais meios constroem um imaginário coletivo que, de alguma maneira, proporcionam experiências.

RESENDE nos explica que “o ato de narrar deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive”. Ou seja, contar histórias é uma necessidade humana anterior aos próprios meios de comunicação.



Sob um ponto de vista mais amplo, a narrativa é uma questão da enunciação. Em um tempo no qual os indivíduos são atravessados pelos meios de comunicação a necessidade humana de contar histórias se faz presente também nos *media*. Conhecemos o mundo por meio dos meios de comunicação, construímos saberes, e sobre esses, novos saberes. A narrativa como uma problemática da enunciação está necessariamente presente nos *media*.

As narrativas presentes nos *media* constroem um imaginário coletivo no qual são criadas representações, por vezes estereotipadas, simplificadoras. Mesmo assim, a resignificação das pessoas sobre as mensagens midiáticas são imprevisíveis e, indo além da emissão, a narrativa se torna uma questão dialógica. Fernando RESENDE afirma que:

Sob essa ótica, vemos a narrativa como uma forma de representação coletiva, como um elemento que cria e recria sociabilidades, como práticas comunicativas sociais que definitivamente contribuem, na sociedade mediatizada, para o alargamento dos horizontes de experiência.¹⁰

Essa visão nos permite estudar a narrativa jornalística como mediação de uma experiência. O relato jornalístico é uma forma pelo qual algumas narrativas midiáticas são construídas e, por isso, não pode estar alheio a essa lógica. Além do mais o jornalismo conta histórias e alimenta a já citada necessidade humana de expor recortes da vida cotidiana.

Podemos então discutir os limites do jornalismo de transparecer as experiências. O periodismo factual, preenchido de fórmulas e feito por meio de manuais, está condicionado a busca de uma verdade. Certa neutralidade é procurada incessantemente. A ausência quase total da primeira pessoa no texto distancia o narrador/jornalista do fato narrado. Nesse sentido, segundo os pressupostos narrativos propostos por BENJAMIN, não há experiência possível.

No entanto, a escrita jornalística não se resume a isso. Acreditamos que é possível outro tipo de texto, mesmo com as condicionantes da produção da notícia. (uma dessas formas é a reportagem, utilizada pela revista *Brasileiros* que aqui analisamos). Parece-nos que a revista *Brasileiros* se apresenta como possível escape ao se distanciar da neutralidade, distinguindo o lugar de fala do texto, o meio no qual está

¹⁰Cf. RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista**. Compós, p.3, Junho de 2003.



inserido. Esse posicionamento oferece uma relação mais franca entre o texto e o leitor. Tal relação proporcionaria outro tipo de leitura, outro tipo de experiência.

Outro aspecto importante é a busca pela verdade, característica do discurso jornalístico. Se o discurso jornalístico compreende que a verdade é apenas um recorte da realidade, sem a pretensão de mostrar todos os lados da história, há uma subentendida ideia de que ele é apenas um elemento do complexo jogo discursivo social. Dessa forma, a realidade, com todos os seus feitiços, é complexificada e não apenas simplificada por discursos embotados e prontos. Essa seria uma possível aproximação entre certo relato jornalístico às experiências necessárias a narrativa no sentido benjaminiano.

A Revista Brasileiros

Para compreendermos melhor essa diferença entre relato jornalístico e a narrativa, a partir das incursões teóricas de Walter BENJAMIN, analisamos a revista *Brasileiros* a fim de buscar suas marcas narrativas.

Publicada pela Brasileiros Editora Ltda., a revista mensal tem cerca de trinta mil exemplares. A *Brasileiros* trouxe sua primeira edição às bancas em julho de 2007 e seu ponto central é no Brasil e seus habitantes. No decorrer de suas edições é perceptível o enfoque de caráter prático na cultura nacional e na vida dos brasileiros, fazendo com que o leitor se identifique e seja “conduzido” durante os textos apresentados.

Para realizarmos a análise da revista, nos dividimos em pequenos grupos. Cada grupo analisou detalhadamente uma edição da revista *Brasileiros*. No total foram sete edições, sendo cinco edições do ano de 2007 e duas de 2008. Logo, tomaremos essas análises como referência para complementarmos o presente trabalho.

A *Brasileiros* é formada, comumente, por quatro editorias e nelas seguem no mínimo oito seções. Cada edição publicada pode sofrer alterações nesses números, entretanto, em suas editorias sempre aparece a *30 dias* – que também contém seções fixas como *Cultura* e suas subseções – *Capa*, *Dossiê* e *Você acredita no Brasil?*. Além disso, costuma ser constituída por aproximadamente 100 páginas em cada edição. Suas cores padrão são: preto, cinza, amarelo e vermelho, dando destaque na cor vermelha que se encontra em quase todas as páginas.

Com um projeto visual particular, mesmo que sua diagramação seja feita de forma clássica e simples, a revista propõe um estilo em que o leitor consiga captar a



essência do tema antes de se aprofundar na leitura. O texto diagramado abusa de imagens sobrepostas e chama atenção do leitor para a matéria principal. A revista cria uma imagem através da aparência do texto, mexendo com a memória fotográfica dos leitores.

A Brasileiros aposta firmemente em elementos que servem como decoração. São recortes, colagens, mistura de elementos. De acordo com o tema apresentado, minuciosos detalhes são inseridos para complementar o texto e quebrar os padrões já pré-estabelecidos a um leitor acostumado a outras revistas.¹¹

Ainda analisando a parte visual da revista, podemos atentar para a distribuição da imagem na revista. Ela não possui um padrão espacial, podendo ser organizada livremente e complementar o texto de forma descontraída. Essa distribuição de fotos também pode se referir ao reconhecimento do leitor. As fotos selecionadas, em geral, são marcadas pela valorização das expressões faciais, movimentos e, principalmente, as emoções.

Essa forma diferente de diagramar, mexendo com a memória fotográfica do leitor pode nos remeter a uma nova forma de narração, na qual que se aproxima da de certa contação de histórias, já apresentada por RESENDE. Uma forma de contar histórias através das imagens. Nas imagens são sempre valorizadas as expressões, as pessoas, os detalhes.

Partindo para o conteúdo textual das reportagens apresentadas na revista, existe também uma tendência do contar histórias. Os repórteres da revista aparecem, em alguns textos, como personagem e dão ênfase para a vida das pessoas comuns e públicas. Os entrevistados são protagonistas das histórias e o modo da escritura se apresenta como ponto diferencial. Segundo nossas análises, podemos dizer que:

a disposição de textos onde a equipe se coloca como contadora de história, nas páginas 76 até 83, *Em busca dos Dogons*. Eles destacam uma experiência pessoal dos jornalistas na África, colocando as ‘descobertas’ ao leitor de forma a valorizar a narrativa, como uma espécie de crônica.¹²

Nem sempre a revista opta pelo óbvio, pois as temáticas são organizadas de forma piramidal que sai do particular, terminando no geral, com ênfase sempre no lado

¹¹ Trabalho final do Laboratório de Pesquisa em Comunicação – Coleta de Dados. Núcleo de Estudos em Cultura Midiática (NECOM) escrito pelas alunas Jéssica Borges e Michele Corrêa. Pág. 02.

¹² Trabalho final do Núcleo de Estudos em Cultura Midiática (NECOM) escrito pelas alunas Mariana Dias e Letícia Santos. Pág. 01.



peçoal. Essa característica em muito se desvincula do manual do lide, que busca distanciamento em nome da imparcialidade.

A Brasileiros nos mostra sempre uma parcialidade, por recortar temas e abordá-los numa perspectiva única que normalmente foge das características apresentadas no manual de redação.

Outra característica marcante na revista é a reportagem. Esse tipo de texto foge do que estamos acostumados a ver diariamente no jornalismo, seja pela falta de tempo ou de espaço para aplicá-lo. Uma revista que tem como objetivo único a reportagem nos remete com certeza a novas formas de fazer jornalismo, novos escapes a narrativa. Como um comentário de uma leitora da edição 5 de 2007:

(...) uma nova revista dedicada as grandes reportagens, nos moldes da antiga Realidade. Decidi cursar jornalismo pensando em fazer exatamente isso. É revigorante ver que ainda há gente interessada em enfatizar (e porque não recuperar) a boa reportagem.¹³

Característica importante presente na maioria das edições, a revista trabalha pouco com o factual, a matéria quente. E mesmo quando é algo que aconteceu “recentemente” a matéria é sempre angulada para o lado da história. Podemos entender que essa forma de produzir o texto é a principal característica da revista. A narração descritiva e do fato incomum é um ponto recorrente nas reportagens. Isso traz uma familiaridade ao leitor, até para buscar reconhecimento no brasileiro comum.

Apesar de todos os diferenciais da revista, ainda conseguimos ver os aspectos padronizados de um texto jornalístico. Ao lermos o texto citado anteriormente, *Em busca dos Dogons*, publicada na primeira edição, em julho de 2007, conseguimos notar a parcialidade dos jornalistas que participaram de uma experiência em um lugar diferente. A reportagem mostra a experiência dos repórteres que fizeram uma viagem pela África e a visita a uma aldeia de raro acesso. Durante a rota que fizeram, eles selecionaram um tradutor, um guia e personagens que complementaríamos a história que estava sendo criada através daquela experiência. Nesse sentido, podemos conjecturar sobre a escolha e angulação dos temas, pois para a reportagem é um ato de escolha. Sendo assim, a parcialidade se torna uma característica jornalística, não no sentido negativo, mas com a ideia de ser franco com o leitor e deixá-lo ciente de que sempre existirá um longo processo para a realização de uma reportagem.

¹³ Trabalho final do Laboratório de Pesquisa em Comunicação – Coleta de Dados. Núcleo de Estudos em Cultura Midiática (NECOM) escrito pelos alunos Kleber Costa e Yuri Neri da Silva Mapa. Pág. 2



Assim, a revista *Brasileiros* traz um conceito diferenciado para a ideia de texto jornalístico. Nela é possível perceber um outro jornalismo, mas sem grandes fugas das regras de uma matéria – lead, título, legenda, etc. É importante, assim, relevar pontos técnicos e a principal ideia da linha editorial da revista para que então se faça um jornalismo diferenciado.

Análise e considerações finais

Podemos retomar três ideias principais dos nossos questionamentos anteriores: aspectos relacionados ao texto jornalístico (apresentado pelo lide), a conceituação de narrativa (com a perspectiva de BENJAMIN) e a análise feita propriamente com a revista *Brasileiros*.

Entendemos que o texto jornalístico nos apresenta uma série de técnicas, recursos práticos e limitações que aprisionam o modo de escrever, como o lide, caracterizado nos manuais de redação. Todos esses possíveis “aprisionamentos do texto” são usados a fim de obter um texto claro e imparcial. A imparcialidade jornalística passa a ser discutível, principalmente levando em conta a revista *Brasileiros*. A prática de fazer recortes e procurar sempre uma abordagem diferente nas reportagens faz com que a revista aparentemente não busque a imparcialidade, mas apresente determinado tema a partir de uma escolha subjetiva.

Brasileiros, neste sentido, incita uma leitura mais transversalizada, já que aposta na aproximação entre jornalista e leitor. Isso, de modo algum, se caracteriza como imparcialidade. Portanto, nos guiamos pelo estudo da narrativa, pois a nosso ver, essa perspectiva coloca o texto jornalístico em dispersão, valorizando sentidos múltiplos de interpretações e variações de escapes.

Devemos atentar para o fato que o jornalismo rompeu com a narrativa, como já explicitado anteriormente. Porque a narrativa busca transmitir uma experiência, enquanto o relato jornalístico busca a transmissão do fato por si só. Sem respostas diretas, sem explicações, sem análises ou opiniões. Neste sentido, BENJAMIN, já havia alertado para a extinção desta prática.

O relato jornalístico diário busca a aproximação das massas, sem um foco no específico. Ao contrário da narrativa, que busca a experiência, a transmissão da experiência vivida. Essa característica dimensiona certa extensão utilitária da narrativa.



A escolha pela revista *Brasileiros* nos fez perceber que, aparentemente, pode-se romper com a ideia do jornalismo isento, imparcial, sem marcas discursivas delineadas. Ela nos pareceu interessante para pensar essas aproximações.

A revista *Brasileiros* nos proporcionou uma nova forma de enxergar esse impasse entre o jornalismo e a narrativa. Através das análises realizadas pelos alunos do NECOM, pudemos perceber de forma mais clara as aproximações e distanciamentos entre relato jornalístico e narrativa.

A busca pelos escapes e brechas foi feita através da *Brasileiros* e sua forma diferenciada de fazer jornalismo. Claro que há uma grande dificuldade em todo esse processo, principalmente pela pressão do mercado jornalístico. Por isso, destacamos também o fato da revista ter características técnicas consideradas comuns ao jornalismo.

Por se tratar de uma revista de reportagens, já se pressupõe ter um enfoque diferente das demais. A reportagem, como já explicitamos anteriormente, é um trabalho etnográfico, já que entre outras características, é feita com tempo e pressão diferente do jornalismo diário. Esse é um ponto que difere muito a *Brasileiros* das demais publicações jornalísticas atuais. E talvez essa característica seja a que possibilite essa diferenciação.

Podemos dizer então que a revista *Brasileiros* nos traz uma nova perspectiva para um jornalismo atual engessado e dependente de técnicas. Mesmo estando no formato jornalístico é possível perceber como a revista empreende modos singulares de modular os discursos.

A revista, portanto, vem rompendo com a ideia de um jornalismo direto, imparcial, sem impressões, sem análises. Ela nos apresenta uma nova forma e uma nova perspectiva de produzir para o jornalismo, mesmo que hora ou outra se inteire das técnicas, temos a percepção de se pode fazer um jornalismo de aproximação e reconhecimento através da narração. A contação de história se coloca como ponto importante para o desenvolvimento e construção dessa forma diferente de reportar os acontecimentos. E nessa perspectiva podemos concluir que, sim, há brechas para inserir a narração no relato jornalístico, mesmo com toda a pressão vivenciada pelos produtos do meio jornalístico.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O narrador — considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221. 1985.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução Ângela Correa, São Paulo, Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

_____. O Jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Compós**, 2003.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. v.1. Campinas: Papyrus, 1994.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. Rio de Janeiro, Contexto, 2003.

STEPHENS, M. **História das Comunicações – Da Tantã ao Satélite**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S/A, 1993.

VAZ, Ana Lucia. **Jornalismo na Correnteza**. No prelo.

Outros

Trabalhos de fim de curso do Laboratório de Pesquisa em Comunicação – **Coleta de Dados**-
Orientação da professora Rejane Moreira.

Revista Brasileiros volumes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8.